

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2023

## Saudação a Fernando Cristóvão

ARTUR ANSELMO

A tradição académica dos Elogios Históricos prevê que o recipiendário seja saudado por um académico efectivo de número, mas não exclui da saudação a homenagem ao confrade que é figura central do Elogio Histórico.

No caso presente, seria imperdoável não começar estas palavras por uma evocação, profundamente sentida, desse Homem singular que se chamou David Mourão-Ferreira. Meu querido amigo e mestre, recordá-lo tem sido, desde a sua morte em 1996, uma constante da memória afectiva de quantos com ele privaram de perto, assim como de quantos, subindo o *gradus ad Parnassum*, se apoiaram no seu magistério para entrarem nos outros mundos da Filologia e da Literatura. A imagem que guardo ainda hoje de David é a que retive da primeira aula no anfiteatro principal da Faculdade de Letras de Lisboa: um dos raros docentes que, tendo de citar obras alheias, se fazia acompanhar das próprias edições dessas obras, e que após uma primeira leitura corrida do texto, voltava atrás e, palavra a palavra, sílaba a sílaba, fonema a fonema, mergulhava a fundo nesse texto, como alguém que, despindo roupa, perfurasse uma onda da Nazaré ou de Ipanema.

Quis o destino que, entre os professores do curso de Filologia Românica que deram corpo à minha carreira docente, dois deles — Vitorino Nemésio e David Mourão-Ferreira — se tenham sucedido na cadeira n.º 3 da Classe de Letras da Academia das Ciências, e que um terceiro docente do meu tempo, então assistente de Nemésio, lhes haja sucedido na mesma cadeira: Fernando Alves Cristóvão. Poucas coincidências seriam tão gratas ao meu espírito como esta. Com Nemésio aprendi o gosto da escrita em invenção permanente enroscada à árvore enciclopédica da erudição; com David partilhei a sabedoria do *clerc*, vestida com a mais aberta genuinidade no trato pessoal; com Cristóvão a agilidade intelectual de quem, nunca querendo ficar para trás, acompanhava o mundo a pensar no futuro.

Da Faculdade de Letras de Lisboa, que frequentei nos anos 60 do século passado, e onde encontrei os três confrades, não posso esquecer os primeiros frutos da viragem da Teoria da Literatura e da História Literária para a Estilística de Dámaso Alonso e Leo Spitzer, representada entre nós por Jacinto do Prado Coelho, David Mourão-Ferreira ou Maria de Lourdes Belchior (a quem deseje saber o que tal viragem representou, no ensino da Literatura, recomendaria a leitura do prefácio de David à obra *Vinte Poetas Contemporâneos*, publicada em 1960). O ambiente que se respirava no edifício novo da Cidade Universitária era da mais completa liberdade de espírito no curso de Filologia Românica — e, neste, o jovem Fernando Cristóvão assegurava em brilhantismo as aulas práticas de Literatura Brasileira, coadjuvando Nemésio em temas hoje tão actuais (mas então ainda incipientes) como o indianismo, o sertanismo e o regionalismo nordestino de Jorge Amado, José Lins do Rego ou Graciliano Ramos, na pegada do José Américo d' *A Bagaceira*. Em 1969 — lembro-me bem — Nemésio deu ênfase particular à chamada “literatura amazónica”, fundamentalmente exógena e descritiva, onde os portugueses Gabriel Pereira, Sanches de Frias e Ferreira de Castro apareciam lado a lado com José Veríssimo, Inglês de Sousa, Alberto Rangel, Gastão Cruis ou Peregrino Júnior.

Numa época em que os autores brasileiros com maiores afinidades ao neo-realismo português começavam a despertar grande entusiasmo nas camadas jovens (e aqui vale a pena recordar o enorme esforço desenvolvido por António Sousa Pinto, o proprietário da editora Livros do Brasil), Fernando Cristóvão mostrava particular interesse pelas obras de Graciliano Ramos, sobre as quais viria a elaborar, em 1974, a sua tese de doutoramento, publicada no Brasil e em Portugal. Mais tarde, com o amadurecimento próprio de *scholar* brioso e disciplinado, estudou admiravelmente a *Marília de Dirceu*, obra-prima de Tomás António Gonzaga, não tanto pela originalidade do conteúdo, mas sobretudo pelo *ars dictandi* de modelos factuais que os historiadores literários dos séculos XIX e XX não souberam valorizar devidamente.

Professor titular de Literatura Brasileira desde a jubilação de Vitorino Nemésio em 1971, cedo Fernando Cristóvão alargou o estudo do romance nordestino dos anos 30 a outros autores brasileiros, como Jorge Amado, Raul

Bopp, Cecília Meireles ou Clarice Lispector. A propósito da sua actividade universitária, na docência e na investigação, pôde Aníbal Pinto de Castro, confrade nunca esquecido nesta casa, que foi sua até à morte, destacar:

Define-se a personalidade de Fernando Cristóvão por um conjunto de características que fazem dele um homem de cultura e um homem de acção. Detentor de uma formação humanística segura, percorreu com aplicada regularidade o *cursus honorum* da Universidade, até chegar a catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, através de uma carreira notável, como docente e como investigador. A sua preparação filológica conjugou-se harmoniosamente com uma fina sensibilidade literária e a sua especialização em Literatura Brasileira completou-se com uma larga visão cultural (...). Deste modo, o seu campo de interesses fácil e naturalmente pôde abarcar os vastos espaços culturais dos restantes países de expressão oficial portuguesa, criando ao mesmo tempo no seu espírito uma compreensão mais profunda e completa dos problemas relativos ao ensino do português no estrangeiro.

Ente 1984 e 1989, como presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP), mais tarde denominado Instituto Camões, publicou Fernando Cristóvão, em 1985, um conjunto de intervenções robustas sobre temas relacionados com o espaço da lusofonia. Intitulado *Notícias e Problemas da Pátria da Língua*, nessa colectânea, editada pouco tempo após a adopção do português como língua oficial de cinco novos países independentes da África (Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique), apresentou várias propostas para a promoção e defesa da língua portuguesa como um dos principais veículos de comunicação e de cultura no mundo. Considerando-a uma língua “maltratada”, devido à passividade generalizada das instituições tutelares, Fernando Cristóvão oscila entre dois eixos que julga igualmente nefastos: a uma chama “imobilismo”, responsável, segundo ele, pela falta de um verdadeiro “projecto de futuro” para a língua comum; a outro designa-o por “novas realidades linguísticas e culturais que se vivem no mundo e em Portugal”, às quais se referiu em 1984, na tomada de posse da presidência do ICALP. Obviamente, entre os dois pólos antinómicos, a escolha de Fernando Cristóvão ia (e vai) para este último. Por isso, no ano seguinte e no desempenho das

mesmas funções, pedia que “a nossa língua e cultura” fossem tratadas não como “objectos arqueológicos”, “mas como instrumentos de mundividência e diálogo.”

Fiquemos com estas duas expressões simbólicas do exercício da cidadania cultural: mundividência de um espírito aberto, tolerante e compreensivo; diálogo fraterno com o Outro, a prolongar a capacidade de entendimento com o desconhecido. Assim se assume e se completa o exercício *homo Viator* que hoje recebemos de braços abertos.

(SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO PROFERIDA NA SESSÃO PLENÁRIA PÚBLICA  
DE 19 FEVEREIRO DE 2015)